



OFICINA COMO PRATICAS EDUCATIVAS: STENCIL FEMINISTA

TALLER COMO PRÁCTICAS EDUCATIVAS: STENCIL FEMINIST

WORKSHOP AS EDUCATIONAL PRACTICES: STENCIL FEMINIST

Janine Corrêa Gomes¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar uma das práticas realizadas pelo *Coletivo Feminista Dandaras – FUGR/SLS*, a oficina “*Arte do Stencil*”. Através das oficinas de Stencil, técnica está utilizada como aplicação de ilustrações e desenhos de cunho feminista e reivindicatório, consegue-se realizar um diálogo com as mulheres de diferentes idades, raças e etnias, sobre relações de gênero, racismos, leis e principalmente as lutas feministas. Através das oficinas vão se cruzando saberes e vivencias entre a arte, o movimento feminista e as lutas das mulheres. A oficina fortalece o senso crítico, promove a interação e o diálogo entre as participantes. A oficina é realizada em, universidades, escolas e eventos científicos e não científicos, sendo um desses evento o Seminário das Mulheres do Campo, das Águas, Florestas e Cidades. Acreditamos que através das oficinas, contribuimos para com o fortalecimento e auto estima das participantes, valorizando suas vivencias, saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Stencil. Empoderamento. Vivencias.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo compartir una de las prácticas realizadas por el Colectivo Feminista Dandaras - FUGR / SLS, el taller "Arte de la plantilla". A través de los talleres de Stencil, la técnica se utiliza como aplicación de ilustraciones y dibujos de naturaleza feminista y reivindicativa, es posible dialogar con mujeres de diferentes edades, razas y etnias, sobre relaciones de género, racismo, leyes y especialmente las luchas. Feministas A través de los talleres, se cruzan conocimientos y experiencias entre el arte, el movimiento feminista y las luchas de las mujeres. El taller fortalece el pensamiento crítico, promueve la interacción y el diálogo entre los participantes. El

¹ Licenciada em Educação do Campo – Ênfase em Ciências Agrárias e Ciências Naturais. Discente em Especialização em Educação do Campo. UNIASSELVI. Líder do Coletivo Feminista Dandaras – FURG/SLS. São Lourenço do Sul. RS.Brasil.

taller se lleva a cabo en universidades, escuelas y eventos científicos y no científicos, uno de los cuales es el Seminario de Mujeres del Campo, Agua, Bosques y Ciudades. Creemos que a través de los talleres, contribuimos al empoderamiento y la autoestima de los participantes, valorando sus experiencias y conocimientos.

PALABRAS CLAVE: Art. Plantilla Empoderamiento Experiencias

ABSTRACT

This paper aims to share one of the practices performed by the Dandaras Feminist Collective - FUGR / SLS, the workshop “Art of the Stencil”. Through Stencil's workshops, technique is used as application of illustrations and drawings of feminist and claiming nature, it is possible to make a dialogue with women of different ages, races and ethnicities, about gender relations, racism, laws and especially the struggles. Feminists. Through the workshops, knowledge and experiences are crossed between art, the feminist movement and women's struggles. The workshop strengthens critical thinking, promotes interaction and dialogue between participants. The workshop is held in universities, schools and scientific and non-scientific events, one of which is the Seminar of Women of the Field, Water, Forests and Cities. We believe that through the workshops, we contribute to the empowerment and self-esteem of the participants, valuing their experiences, knowledge.

KEYWORDS: Art. Stencil. Empowerment. Experiencias



*O conhecimento dirige a prática;
No entanto, a prática aumenta o conhecimento.*

Thomas Fuller

Introdução

A técnica do Stencil é uma arte que vem ganhando espaço a cada ano, nas ruas, nas escolas e principalmente, atualmente, nas universidades. Customizada em camisetas, bolsas, quadros, carros, prédios e muros pelas cidades a fora. A verdadeira origem da técnica, pouco pode se descrever, pois há poucos relatos escrito sobre. Os poucos relatos e pesquisas que se encontram, contam de que a técnica se originou na China e no Japão a séculos atrás. Mas pelo pouco que se sabe, pode se dizer de que foi pelo século 105 d.c., que começou a se trabalhar com a técnica primeiramente na China, a partir da junção da invenção do papel. Conta-se que os chineses trabalhavam a técnica no papel e nos tecidos com tintas artesanais feitas por eles mesmo, extraídas através de

elementos naturais, como a partir das folhas, vegetais, sementes e até mesmo das rochas. Através do uso do stencil, feito antigamente no papel, os chineses começam então a entalhar a forma do desenho, da letra e da escrita assim desejada. Porém, historiadores, contam de que foram os japoneses que aperfeiçoaram a técnica no decorrer dos anos, aperfeiçoando a partir da introdução de um stencil que pudesse ser lavável, para que assim fosse ela reutilizada sem prejudicar o objeto confeccionado. Séculos se passaram, e a técnica do Stencil foi recebendo a cada ano outras formas e outros aperfeiçoamentos, servindo não somente para a pintura em tecidos e papeis como também na decoração dos ambientes, nos muros e da assinatura de documentos. Conta-se ainda que foi na segunda guerra e que a técnica passa a ser um ato reivindicatório, pois começa-se a utilizar nas intervenções urbanas que ocorria na época, como forma de propaganda de guerra. Em 1960, a técnica passa a ser conhecida e ganha fama e espaço nos Estados Unidos e na França, principalmente as artes de rua. Anos se passam e atualmente a técnica ganha força e aperfeiçoamentos sendo utilizada como forma de reivindicações e lutas por todo o país, nos movimentos artísticos e principalmente estudantis, conhecida mundialmente por todos como técnica do “*Stencil Art*”.

A técnica do Stencil é uma arte de pintura onde podemos brincar e reivindicar através da arte, utilizando-se da pintura artesanal, nas diferentes formas e modelos, como desenhos, frases, letras, números, símbolos ou qualquer outra forma ou imagem, sobre qualquer superfície, porém muito utilizada atualmente no tecido, papel e madeira, utilizando-se da tinta apropriada para cada peça escolhida, através da aplicação com o pincel, spay ou com a famosa esponja de louça com pequenas batidinhas, para que assim, não borre o desenho desejado.

O Stencil pode, e deve ser confeccionado artesanalmente no plástico, papelão, metal ou laminas de RX². O corte pode ser realizado em qualquer superfície, desde de que ela tenha durabilidade e que seja de fácil corte e principalmente manuseio.

O “*Stencil Art*” é uma técnica que vem sendo muito utilizada e ganhando espaço, nas ruas através da customização e aplicação em camisetas, vestidos e bolsas, com aplicações com intuito reivindicatório e feministas, denunciando assim o sistema patriarcal e a cultura machista na qual vivemos fortemente atualmente.

² Os restos dos cortes, principalmente a do RX, devem ser devidamente descartados, evitando se assim, os malefícios ao meio ambiente.

Cruzar saberes entre a arte e o movimento feminista é um desafio. É, portanto, neste contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas”. (LOURO, 1997, p.16).

O Stencil é uma técnica que cada vez mais vem se tornando um movimento não somente artístico, mas como um movimento de luta, de resistência por *nosotras*. “Stencil Art”, técnica artesanal feita nas ruas, para as ruas, para as lutas, com imagens, gravuras e frases de cunho feminista, resistência e motivacionais, pelas mulheres e homens que clamam por liberdade, justiça e igualdade de gênero. Conforme análise de Gebara (2001, 105) sobre gênero, ela deixa claro de que,

A diferença de gênero é uma diferença entre uma multiplicidade de diferenças que se cruzam. Precisamente por isso, a mediação de gênero constitui um instrumento importante para compreender, através de um meio diferente, a complexidade das relações humanas. É um instrumento que tem em vista a transformação das relações sociais. Tornou-se, particularmente nas ciências humanas, não apenas um instrumento de análise, mas um instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito pela diferença.

A “Arte do Stencil” como forma de empoderamento

Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é pré-condição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações (LISBOA, 2008, p.58).

A “Arte do Stencil” e a customização passa a ser trabalhada na Universidade federal do Rio Grande-FURG/Campus São Lourenço do Sul, pelo Coletivo Feminista Dandaras-FURG/SLS no ano de 2015, a partir da necessidade de se discutir sobre os direitos das mulheres na comunidade acadêmica do Campus FURG/São Lourenço do Sul e comunidade lourenciana, pois o coletivo passa a acreditar que através da arte pode-se trabalhar as diferentes formas de resistência nas universidades, nas escolas, nas

comunidades, e uma destas formas foi através das *Oficinas de Stencil*, onde a partir deste pode-se ouvir e dar vozes as mulheres e jovens do Campus FURG/SLS e da comunidade de São Lourenço do Sul e região próximas, empoderando-as e incentivando-as a lutar pelos seus direitos, suas utopias e ideias.

Através das oficinas “*Arte do Stencil como forma de empoderamento*”, dos estudos e leituras a partir da crítica feminista, gênero, empoderamento e sexualidades como: Costa (2019), Carvalho e Rocha (2004) e Louro (1997). Gebara (2001), Saffioti (2004, 2007 e 2013) que nos auxilia a (re) pensar as relações de poder, gênero, patriarcado e sociedade de classes. A pedagogia feminista, por Sanderberg (2011). Eggert e Alves (2011 e 2015), Barta y Elías (2015) e Meira (2003), com o trabalho artesanal, a reflexão e as possibilidades através da arte, do artesanato e das oficinas. Leituras e estudos que nos provoca enquanto educadoras reflexões sobre a arte e a luta entre as mulheres. A partir das oficinas passamos não somente a ouvir, mas também a debater e criar possibilidades para novos diálogos com mulheres dos diferentes povos tradicionais de nossa cidade, como: quilombolas, pomeranas, agricultoras, indígenas, pescadoras, ribeirinhas, ciganas, povos de terreiro, assim como as mulheres de movimentos sociais, donas de casa, professoras, dentre tantas outras, que muitas vezes por não terem um espaço de fala, se calam diante das violências sofridas. Para Anastasiou e Alves (2004, p.95)

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva.

Com as oficinas de stencil, não apenas desenhamos e customizamos, mas também debatemos, problematizamos e abrimos espaços para as/os ali presentes se expressem, denunciem, dialogam e que debatam as diferentes questões nas quais vivenciamos atualmente, como o debate no âmbito da violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasil (2006, p.1) esclarece a partir de seu art.5º, que a violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. Ainda no

que se refere as formas de violência doméstica e familiar o art. 7º destaca e esclarece o seguinte:

I – a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II – a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo a saúde psicológica e a autodeterminação; III – a violência sexual, entendida como qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, à sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que force ao matrimônio, a gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV – a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configura retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V – a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure a calúnia, difamação ou injúria. (BRASIL, 2006, p.1).

A Lei Maria da Penha foi sancionada no ano de 2006, através da aprovação da Lei 11.340/2006. Lei está que mudou e que protege a vida de muitas mulheres, porque uma mulher chamada Maria da Penha, biofarmacêutica, cearense, teve coragem e voz para denunciar as agressões e os maus tratos de seu marido. Maria foi agredida durante seis anos. Seu marido tentou assassiná-la duas vezes: na primeira tentativa, com um tiro que a deixou paraplégica. Na segunda, tentou matá-la por meio de eletrocussão, seguindo de afogamento. Cansada de tantas agressões, maus tratos e de ficar presa a uma cadeira de rodas, Maria decide não mais se calar e assim vai à luta pelos seus direitos. Não foi fácil, foram 19 anos e meio de luta, até que em 7 de agosto de 2006, é sancionada a partir de sua luta, sua voz e persistência, a *Lei Maria da Penha*.

Além dos diferentes tipos de violência doméstica e familiar, também é muito debatido e discutido nas oficinas, outros assuntos, tais como, a precarização da saúde, do trabalho e da educação. A exclusão, os preconceitos e racismos nas quais, apesar de tantos avanços, ainda é muito presente na sociedade. A negação de direitos e a desigualdade entre gênero, que é forte principalmente no mercado de trabalho. E não podemos deixar de constatar, que mulheres autodeclaradas pretas, pardas e indígenas,

são as que mais sofrem no mercado, sobrando muitas vezes o serviço doméstico, mal remunerado.

Mulheres negras, sofrem até hoje na área de trabalho, pois o legado da escravidão paira ainda e é uma triste realidade na qual vivemos até os dias de hoje. Para Davis (2016, p.18), “as mulheres negras eram praticamente anomalias”, mas isso ainda ocorre muito. A sociedade continua apontando o dedo para estas mulheres como se elas ainda fossem anomalias, como se elas não merecessem seu espaço na área de trabalho, seu espaço de fala. Porém, indiferente de raça ou etnia, ou até mesmo idade, atualmente as mulheres recebem em média, 26% a menos do que os homens, e muitas vezes trabalhando numa carga horaria muito maior e braçal do que e ao homem.

Carvalho e Rocha ressaltam e complementam dizendo que as mulheres:

Ainda sofrem os efeitos de uma educação discriminatória; desempenham não raro trabalho igual ao homem recebendo menor remuneração; são minorias na política partidária e nos espaços de poder e decisão; enfrentam muitas vezes a dupla jornada de trabalho, acumulando funções profissionais e de cuidado da casa e dos outros (pai, marido, filhos, crianças, idosos e doentes), no geral a contrapartida masculina; e ainda são sujeitas a vários tipos de violências doméstica e de gênero (2004, p.51)

E se para a mulher já está difícil, para as trans, a barreira ainda e bem mais complicada e maior. Sem políticas públicas que as ampare e as defendam, sem forças para lutar diante de uma sociedade tão cruel e preconceituosa, e sem espaço no mercado de trabalho, muitas delas recorrem a prostituição e passam a ser mau tratadas e criticadas pela população. Macedo (2005, p.76), ainda ressalta de que “enquanto parte desfavorecida da sociedade, a mulher tem que ser defendida numa luta que só terminara quando o seu estatuto social e político for considerado equivalente ao do homem.

Sendo assim, com o intuito de ajudar nas lutas e reivindicações destas e de tantas outras mulheres é que as oficinas de Stencil, vem a cada ano, contribuindo e trabalhando através da arte e do diálogo, o senso crítico e reivindicatório de cada participante, para que todas/os, se reconheçam como detentoras/os de seus saberes, fortalecendo seus protagonismos e suas lutas, em suas vidas. As oficinas, a arte e o Stencil, vem fortalecendo e mostrando que são necessárias as lutas feministas, as vozes das mulheres. O diálogo, a arte e os movimentos feministas na educação, contribuem para com o fortalecimento de identidade e a construção dos direitos e políticas públicas para a igualdade de gênero.

Os movimentos feministas só são o que são hoje porque foram o que foram no passado. Hoje nós podemos questionar as bases do pensamento ocidental porque houve um grupo de mulheres que queimou sutiãs em praça pública. O sutiã simboliza uma prisão, uma camisa-de-força, a organização social que enquadra a mulher de uma maneira e o homem de outra. A simbologia é essa: vamos queimar a camisa-de-força da organização social que aprisiona a mulher (SAFFIOTI, 2007 p. 22).

Os movimentos feministas, a arte e a luta das mulheres aparecem nos espaços públicos em massa para reivindicar seus direitos e melhorias de vida para *nosotras* e por *nosotra*. Mulheres estas, estudantes, professoras, mães, donas de casa, mulheres trans, mulheres de garra, guardiãs de saberes e vivencias.

A oficina “Arte do Stencil” como pratica educativa

As oficinas “Arte do Stencil” vem sendo trabalhadas desde do ano de 2015, através do Coletivo Feminista Dandaras – FURG/SLS, em diferentes espaços. Espaços estes tais como, eventos científicos e não científicos, universidades, escolas, praças públicas e instituições. As oficinas são trabalhadas através de imagens, gravuras, palavras e frases de mulheres que lutavam e lutam através da história e dos anos nos movimentos feministas, como, com a imagem daquela que nos motivou e nos inspira a lutar e esbravejar cada vez mais pelas mulheres, **Dandara**. Mulher guerreira, símbolo de resistência e heroína que dominava muito bem a técnica da capoeira e que lutava ao lado de seu marido Zumbi dos Palmares e demais homens e mulheres nas batalhas consequentes a ataques a Palmares. Contam os historiadores de que Dandara suicidou-se depois de presa para não retornar mais à condição de escrava, porém, acredito que Dandara morreu lutando pela liberdade e direitos de seu povo.

Anastácia, mulher negra de rara beleza, guerreira e orgulhosa, lutava contra a opressão do sistema escravista. Por não ceder aos apelos sexuais de seu senhoril, foi amordaçada e estuprada. Após, por continuar a não ceder os desejos de seu senhoril, foi sentenciada a usar uma máscara de ferro pelo resto de sua vida. Mascara esta que era retirada somente na hora de se alimentar. Anastácia viveu anos de dores, maus tratos e violências na qual acabou à levando a morte. Mulher negra, que até hoje é exemplo por sua força e resistência, incentivando e inspirando as mulheres a lutar pelo que querem e acreditam.

No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sobe ameaça do açoite eram relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram exclusivamente à sua condição de fêmea (DAVIS, 2016, p.19).

Ângela Davis e Nina Simone, mulheres negras, que assim como *Dandara e Anastácia*, lutam por seu povo, não abrindo mão de suas convicções e ideologias. Mulheres negras com histórias de lutas semelhantes, que atualmente inspiram e fortalecem mulheres de todas as raças e etnias.

Rosa de Luxemburgo e Olga Benário, mulheres militante comunistas, que lutavam por uma sociedade mais justa e igualitária. *Marielle Francisco da Silva*, porém, mundialmente conhecida como *Marielle Franco*, socióloga, política, feminista declarada, mulher guerreira que defendia os direitos humanos e que denunciava os abusos das autoridades, principalmente dos policiais, contra os moradores de sua comunidade e demais comunidades carentes. Marielle, mais uma mulher assassinada por lutar e denunciar as barbares e o machismo tão presente na sociedade atual.

E entre as já citadas e dentre tantas outras, temos a mais pedida e confeccionada nas oficinas: **Frida Kahlo**. Ícone feminino nas artes, patriota declarada, comunista e revolucionária. Mulher mundialmente conhecida por ter tido uma vida de superações e sofrimentos, refletidos em suas obras, suas dores, angústias, tragédias e amores, tornando-se uma das maiores pintoras do século.

Através das imagens e frases de cunho feminista destas mulheres, do artesanato confeccionado, a oficina “*Arte do Stencil*”, possibilita e contribui para que as participantes possam se expressas através da arte, da tinta, das frases e imagens, o que pensam, sentem e querem *para si e para nosotras*.

Na contracorrente de interpretações que percebem o artesanato como mais um instrumento de dominação feminina, pensamos que ele pode ser um poderoso instrumento de criatividade, elaboração subjetiva, autonomia e formação política, extrapolando, dessa forma, o espaço privado e a individualização, desde que, visando à coletividade. (SILVA, EGGERT, 2011, p. 58).

Através da prática realizada, das oficinas, as mulheres se permitam falar, gritar e lutar pelo que acreditam, denunciando as violências e toda e qualquer forma de preconceito. Assim, através das oficinas, “Integram-se o campo dos saberes e das práticas com o dos afetos, essencial a uma relação de Amor com o cuidado, a espiritualidade, cura para a depressão, a tristeza, a mágoa, a raiva e a solidão, a reverência diante da vida” (MEIRA, 2003, p. 25).

Através da arte e da inspiração de seus ídolos, que as mulheres exponham suas vivencias, experiências, problemas e dilemas. As oficinas de *Stencil* vêm em forma de reivindicação, grito, cura, numa perspectiva de fortalecer e unir mulheres e homens, e de incentivar, mobilizar, trabalhar e divulgar ações feministas.

A pratica educativa “ Arte do Stencil Feminista” trabalhada no Seminário das Mulheres do Campo, das Águas, Florestas e Cidades

Desde do ano de 2016, o Coletivo feminista Dandaras –FURG/SLS³, vem fazendo parte da programação do II, III e IV Seminário das Mulheres do Campo, das Águas, Florestas e Cidades com a participação da organização, decoração e das oficinas de “*Stencil feminista*”. Gomes e Rosa (2018, p. 103) ressaltam de que os seminários, “abriram espaços para a luta, o empoderamento e o diálogo entre mulheres, perante nossa sociedade machista e patriarcal” e as oficinas de stencil realizadas no evento, também contribuíram para com estas lutas e diálogos e podemos ainda dizer, para com o fortalecimento entre as mulheres.

Nos três eventos, possibilitou fecundas trocas de saberes e vivências, contribuindo e abrindo espaços para o diálogo com os diferentes grupos de mulheres, pois são com estas mulheres batalhadoras, guerreiras, como quilombolas, indígenas, ribeirinhas, pescadoras, pomeranas, negras, trans, benzedeiras, ciganas, independente de raça, etnia ou idade, que nos trazem ânimo para cada vez mais adentrar aos estudos e pesquisas da área de gênero e feminismos no Campus FURG/São Lourenço do Sul. Mulheres que nos trazem incentivo às lutas contra todas as formas de dominação, exclusão, discriminação e preconceitos (GOMES; ROSA, 2018, p.120,121).

Tanto o Seminário das Mulheres quanto as oficinas são sempre realizadas com o intuito de abordar e debater os diferentes temas, como, violência doméstica familiar,

³Segue o link para mais informações sobre o Coletivo Feminista Dandaras – FURG/SLS: <http://bit.ly/coletivodandaras>

direitos, leis, desigualdade de gênero, racismo e preconceitos através da arte e da customização de camisetas. O debate e discussão sempre ocorre anterior ao começo das customizações e principalmente durante é realizada as customizações. As participantes têm total liberdade de fazer perguntas e expor suas opiniões e dúvidas, cada uma a seu tempo. Muitas delas chegam com intensões de através da arte, se expor, de falar, tirar dúvidas e dar opiniões á suas companheiras.

As oficinas realizadas no seminário é um espaço oferecido para que todas ali presente socializam suas angustias ou opiniões. É um espaço de compreensão, socialização, sororidade e libertação de suas dúvidas, dores e dilemas. Para Lagarte y de Los Rios (2016, p.25),

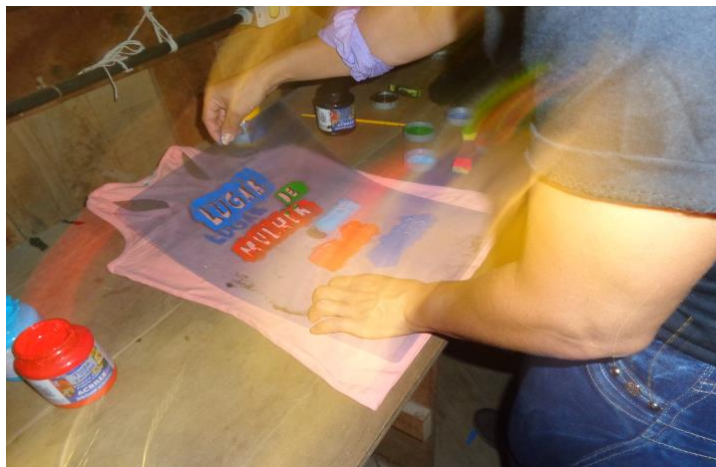
La sororidad es la consciencia crítica sobre la misoginia, sus fundamentos, prejuicios y estigmas, y es el esfuerzo personal y colectivo de desmontar en la subjetividad, las mentalidades y la cultura, de manera paralela à la transformación solidaria de la relaciones con las mujeres, las prácticas sociales y las normas jurídico políticas.

Para complementar, Rosa (2017, p.101) destaca que “sororidade nas práticas educativas é pensada enquanto capacidade efetiva e política de se compreender e socializar com o que sente outra pessoa [...]”. Sororidade, está, tão necessária e presente na pratica realizada nos seminários para que as participantes, de diferentes etnias, raças e idades, se sintam libertas de suas amarras, angustias e dúvidas.

No ano de 2016, a Oficina “Arte do Stencil” passa a fazer parte da programação do seminário. E neste ano a oficina foi realizada com o intuito de se discutir “*Preconceitos, racismos e vivencias*” de mulheres de povos tradicionais existentes principalmente as de nosso município, como as: pomeranas⁴, agricultoras, negras, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, mulheres trans. O Seminário e a oficina, problematizaram o preconceito, o fortalecimento e empoderamento de nós mulheres independentes de raça ou etnia. Costa (2008, p.07), vem para reforçar de que “as mulheres se tornam empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais”, proporcionando, assim, sua libertação”.

⁴ Para um melhor entendimento sobre os povos e a descendência Alemã e Pomerana, fazer uma leitura na cartinha “150 anos de Imigração Alemã-pomerana em São Lourenço do Sul”, ou visite o site: www.saoulourencodosul.rs.gov.br.

FIGURA 1: Oficina realizada no II Seminário das Mulheres do Campo, das Águas, Florestas e Cidades, no ano de 2016.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras – FURG/SLS

Em 2017, no III Seminário, a oficina interligada e titulada “*Restaurando latas e conhecendo o Feminismo*”, foi realizado com o intuito de discutir, dialogar e debater acerca das lutas diárias das mulheres do campo e da cidade de São Lourenço do Sul/RS e região, contribuindo com o empoderamento das mulheres presentes a partir da customização e criação de latas para a batucada e de camisetas a partir de frases e imagens feministas. Acredito, assim como Barta, (2015, p.29), de que “a riqueza da criatividade das mulheres que nasce da pobreza dessa geografia pluriétnica e pluricultural”, transforma e revigora a si mesma e a todos ao seu redor.

FIGURA 2: Oficina no III Seminário das Mulheres do Campo, das Águas, Florestas e Cidades, no ano de 2017.



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras-FURG/SLS

E no decorrer desde ano, de 2019, a oficina “*Arte do Stencil como forma de empoderamento*” foi realizada no IV Seminário, com o objetivo de fortalecer cada vez mais as mulheres através da arte do Stencil. Nesta oficina, por vários momentos, foi debatido e dialogado com as participantes, questões relacionados ao feminicídio, as violências contra a mulher e o machismo, tão presente e crescente a cada ano na sociedade. Nesta oficina, conseguimos reunir cerca de 30 participantes, onde por vários momentos, estas, gritaram por basta ao feminicídio e as violências contra a mulher e basta a discriminação de gênero.

FIGURA 3: Oficina Realizada no IV Seminário das Mulheres do Campo, das Águas, Florestas e Cidades, no ano de 2019



Fonte: Acervo do Coletivo Feminista Dandaras-FURG/SLS

Para a mulher, sua participação política vem ganhando espaço e envolvendo um trabalho de emancipação que, através de lutas dos grupos feministas, levou o Estado a desenvolver políticas de debate as desigualdades reproduzidas pelo sistema, principalmente de gênero, sendo importante a presença e mobilização de cada vez mais mulheres para alcançar representatividade e serem ouvidas. (CARVALHO, 2011, p.150).

As oficinas, a arte juntamente do diálogo e debate tem sido perpetuado, multiplicado, contribuindo e trabalhando a cada ano, a cada participação, o senso crítico não somente das participantes, como o da ministrante e suas companheiras, promovendo sempre o diálogo com a população acadêmica do campus FURG/São Lourenço e de demais regiões que se fazem presente nas oficinas e nos seminários, como o da comunidade lourenciana. Contribuindo para que todas ali presente se reconheçam como

detentoras de suas vidas, seus saberes e fazeres, através da *Oficina Arte do Stencil, Feminista*.

É a partir da perspectiva educativa do fazer artesanal que se coloca a proposta que estamos implementando nas Oficinas de Criação Coletiva. Nesse espaço aprendemos e produzimos coletivamente arte em sua dimensão produtiva, de artesanania. Este espaço é mais de que uma troca de experiência estéticas, mas constitui-se também um espaço de trocas de experiências de vida e identidades femininas, onde afloram um mosaico de vivencias e experiências de vida e fazeres (SILVA e MEIRA, P. 114)

O Coletivo Feminista Dandaras, acredita que através da oficina “*Arte do Stencil*” e de sua participação no três últimos Seminários que já ocorrerão, contribuimos e trabalhamos acima de tudo, o senso-crítico, a motivação e a valorização das participantes a partir de suas vivencias e experiências. Ajudando através das oficinas, que estas ainda tenham a possibilidade, através do que ensinamos, debatemos e da arte, a realizarem uma renda extra para ajudar na casa, ou até mesmo para aquelas pequenas comprinhas que toda mulher merece uma vez e outra fazer. Através da pratica “*Arte do Stencil*”, criamos espaços, oportunidades e fortalecemos as mulheres e as lutas feministas.

Não conluo, pois através da “*Arte do Stencil*”, sigamos na luta

A prática realizada a partir das oficinas de Stencil, junto ao Coletivo feminista Dandaras-FURG/SLS, tanto nos Seminários realizados, o II, III e IV Seminário das Mulheres do Campo, das Águas, Florestas e Cidades, quanto nas universidades, escolas, espaços públicos e etc, a pratica vem contribuindo no empoderamento, sororidade e fortalecimento da identidade coletiva de suas líderes e acreditamos, de suas/seus participantes. Nas oficinas procuramos fortalecer os grupos de mulheres dos diferentes povos tradicionais existentes, jovens e adultas, homens e mulheres, promovendo a sempre equidade de gênero, independente de idade, raça ou etnia. Promovendo cada vez mais ações e práticas que possam contribuir, orientar, incentivar e melhorar a vida principalmente das mulheres, envolvendo-as sempre que preciso e necessário nos movimentos feministas, contribuindo em suas lutas e reivindicando por seus direitos enquanto mulheres, através da “*Arte do Stencil*”, da arte feminista.

Tal pratica tem o intuito de fortalecer o feminismo, os movimentos feministas nas Universidades, nas escolas, nos eventos, nas comunidades e instituições através da “*Arte*

do *Stencil como forma de empoderamento*”, como uma forma de reivindicar e de lutar pelos direitos das mulheres, problematizando a equidade de gênero, fortalecendo-as enquanto mulheres independentes e donas de si. De seus pensamentos, corpos e vontades e utopias. Ensinando não somente a lutar, reivindicar, mas de que elas tenham uma renda extra a partir da “*Arte do Stencil*” e da arte feminista, para que assim possam comprar o que tenham vontades e desejos, sem que precisam se humilhar muitas vezes aos seus maridos, companheiros, namorados.

As oficinas de “*Arte do Stencil*” e suas camisetas, criadas e expostas *por todas e para todas* em todos os locais nos quais percorremos, participamos e lutamos, espaços estes públicos ou não, demarca o territórios de nossas lutas, resistências e (RE)Existência!

Sendo assim, através da arte, da luta, da voz, da nossa garra, *seguiremos em luta até que todas sejamos livres!*

Referências

ANASTASIOU, Léa das Garça Camargo; ALVES, Leonir Pessate. *Estratégias de ensinagem. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*, v. 3, p. 67-100, 2004.

BARTA, Eli; ELÍAS, María Guardalupe Huaréz. *Mujeres, feminismo y arte popular. Casa aberta al tempo*. Universidad Autónoma Metropolitana. Unissinos. CNPq. Obra Abierta Ediciones. Primeira edición: 2015

BRASIL. *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2016*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

CARVALHO, Debora J. *A conquista da cidadania feminista*. Saber acadêmico, n 11, 2011.

CARVALHO, Marie James Soares; ROCHA, Cristiane Maria Fame. *Produzindo Gênero*. Porto Alegre: Sulinas. 2004. 293 p.

COSTA, Ana Alice. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. 2008. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf. Acesso agosto de 2019.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, classe e raça*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Janine Corrêa; ROSA, Graziela Rinaldi da. *Feminismos, mulheres e educação do campo: Construindo uma educação popular e feminista*. Revista de Educação Técnica e Tecnologia em Ciências Agrícolas, Revista Retta, v.9, n.18. jan,julh. 2018. Disponível em:

<http://www.ufrj.br/SEER/index.php?journal=retta&page=article&op=view&path%5B%5D=4130>. Acesso em 30 de agosto de 2019.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminina do mal*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LISBOA, Teresa Kleba. *O Empoderamento como Estratégia de Inclusão das Mulheres nas Políticas Sociais*. Anais do Seminário Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST11/Teresa_Kleba_Lisboa_11.pd. Acessado em: 29 de setembro de 2019.

LOURO. Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEIRA, Mirela. *Oficinas de Criação: Um espaço quântico*. In: Ormezzano, G. (org). *Questões de Arte-terapia*. Passo Fundo: Editora UPF, 2003.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, M. *Sororidade*. In; CASTRO, A.; MACHADO, R. de C.F. (org). *Estudos Feministas, mulheres e educação popular*. Curitiba: CRV, 2016. p.25 – 33.

ROSA, Graziela Rinaldi da. *Veias feministas: Desafios e perspectivas para as mulheres do século 21*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. p. 97 – 119.

SANDERBERG, C. Considerações introdutórias às Pedagogias Feministas. In: Costa, A. et al. (orgs.). *Ensino e gênero: perspectivas transversais*. Salvador: NEIM, 2011. p. 17-32

SAFFIOTI, Heleieth. I.B. *Gênero Patriarcado Violência*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

SILVA, Márcia Alves da. EGGERT, Edla. *Descosturar o doméstico e a 'madresposa' – A busca da autonomia por meio do trabalho artesanal*. In: EGGERT (Org.) *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. 1 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. 109p.

SILVA, Marcia Alves da. MEIRA, Mirela Ribeiro. *Biografias artesãs: Processos formativos, trabalho feminino e criação coletiva*. In: Marcia Alves da Silva, Mirela Ribeiro Meira (Org). *Mulheres trabalhadoras: olhares sobre o fazer feminino*. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2012. 260p.

Recebido em setembro de 2019.

Aprovado em outubro de 2019.